

N° 05 - 2019

KAPIIUARA



ARLEQUINA

Sergio Matta

Sem ponto final

“Kapiiuara” compõe-se de linha e traços materializados em textos que expõem sentimentos, momentos, enfim, instantes que se delineiam à nossa frente e provocam toda sorte de reações que, potencializadas, se exprimem, nesta quinta edição, nas pinceladas históricas de Antonella Rita Roscilli e sua paixão pela imperatriz Teresa Cristina. Caminhando um pouco mais nos deparamos com a performance de Lilian Gattaz exposta em sua poesia que grita “cercada de poucas palavras”. Ao recuperarmos o fôlego nos deparamos com Loreni Fernandes Gutierrez que explode “o coração de toda gente”. O desfile de sabores prossegue agora com toque italiano de Sérgio Vicente Motta e sua “Pizza Cultural”, uma das atividades da ARLEC. Vamos em frente. Não podemos parar. E damos de cara com as galerias de Araguaí Garcia e sua “Pintura sem fim” e de Regina Cheida em sua explosão de cores e formas fluidas. Nem bem nos recuperamos e aparece o caipira Jocelino Soares com seus causos que deixam os “ouvintes de cabelo em pé”. Um pouco mais à frente somos brindados por José Luiz Balthazar Jacob com duas pérolas: “Miséria” e “A soberba feminina”. Não, não podemos parar. A respiração volta ao normal. E Rosalie Gallo y Sanches nos apresenta aos seus empréstimos e ofertas. A calma persiste e Vera Paraboli Milanes nos traz “Gotas de Gratidão” e sacramenta: “Hoje decidi ser feliz”. Chegamos quase ao ponto final, mas antes Cecilia Demian nos conta um pouco de sua aventura de coautora do livro “João Roberto Antonio: Histórias e memórias”. Agora sim, ponto final. Não de despedida, mas de um até breve. Tal qual Rosalie que se despede de sua gestão com o fechamento desta quinta edição de “Kapiiuara”, mas “sem ponto final”.



Deodoro Moreira

EXPEDIENTE

Gestão Atual:

Presidente: Rosalie Gallo y Sanches

1º Vice Presidente: Prof. Dr. José Luiz Balthazar Jacob

2º Vice Presidente: Wilson Daher

1º Secretário: Alberto Gabriel Bianchi

2º Tesoureiro: Waldnei Lui

Diretor Cultural: Araguaí Garcia

Diretora de Relações Públicas: Cecília Demian

Diretor de Patrimônio: Lelé Arantes

Conselho Fiscal:

Nilce Lodi

Antonio Florido

João Roberto Saes

Diagramação: Eduardo Medeiros



Academia Rio pretense de Letras e Cultura – ARLEC
Praça Jornalista Leonardo Gomes, 01 – 1º andar – centro
15061-010 – São José do Rio Preto/SP
Contato: arlecriopreto@gmail.com
Jornalista Responsável: Cecília Demian

SUMÁRIO

04 - A Academia convida para Prosa

Por: Antonella Rita Roscilli

A Imperatriz do Brasil - Teresa Cristina di Borbone, uma princesa itálica

06 - A Academia convida para Poesia

Por: Lilian Gattaz

A palavra e a cidade - Ficam os gestos - Nas paralelas

08 - A Academia convida para Arte

Regina Cheida - Artista Plástica

Identidade

10 Loreni Fernandes Gutierrez - Escritora

Cadeira N: 19 - Patrono: Alexandre Caballero

A um sol amigo e tão antigo

12 Sérgio Vicente Motta - Escritor e Artista Plástico

Cadeira N: 21 - Patrono: Ferdinando Giovinazzo

Pizza Cultural

14 Araguaí Garcia - Artista Plástico

Cadeira N: 4

Impressões Digitais

16 | 18 Jocelino Soares - Artista Plástico

Cadeira N: 12

O vô di barba branca - Vida vazia

20 | 22 Prof. Dr. José Luiz Balthazar Jacob

Cadeira 28 da ARLEC

Miséria - A soberba feminina

24 - Rosalie Gallo y Sanches - Escritora e Poetisa

Presidente da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura Cadeira N: 29

De empréstimos e Ofertas Para Z. - I- Empréstimo - II - Ofertas

26 - Vera Paraboli Milanes - Psicóloga, escritora e Poetisa

Cadeira N: 34

Gotas de gratidão

28 - Wilson Daher - Escritor - Dramaturgo

2º Vice Presidente - Cadeira N: 09

Crucifixo | Macahubas

30 - Cecilia Demian - Jornalista e escritora e co-fundadora da Arlec

Cadeira N: 06

João Roberto Antônio Meio Século de Medicina da Pele

32 - Rosalie Gallo y Sanches

Ponto final - Dizem que o ponto final encerra tudo. Não é verdade.

A Academia convida para Prosa



A IMPERATRIZ DO BRASIL

Teresa Cristina di Borbone, uma princesa itálica

Nos anos que precederam a unificação da península itálica (1861), o Reino das Duas Sicílias passou por um processo de modernização, graças em especial ao rei Ferdinando II di Borbone. Ponto nevrálgico da vida econômica, política e social do Reino era a cidade de Napoli, uma das mais avançadas da Europa. Brilhava nos campos do pensamento, economia e arte, podendo contar com uma Universidade fundada em 1224 por Federico II.

Napoli foi a primeira cidade a receber um sistema de iluminação a gás e a primeira ferrovia em 1839. Na política internacional, o Reino das Duas Sicílias foi um dos mais ativos nas relações com o Brasil: em 1823, concluiu um importante acordo comercial e em 1826, reconheceu oficialmente a independência do Brasil. Em seguida houve um intercâmbio de representações diplomáticas: o visconde de Taubaté assumiu a chefia da delegação brasileira na cidade do Vesúvio, e o conde Ferdinando Lucchesi Palli foi indicado para o Rio.

Logo também uma mulher cruzaria o oceano: Teresa Cristina di Borbone (1822-1889), princesa das Duas Sicílias e irmã do rei Ferdinando II. Filha do rei Francesco I di Borbone e M. Isabella di Borbone, Teresa nasceu em Napoli em 14/3/1822. Penúltima de 15 filhos, recebeu uma educação rígida, mas com forte influência para o gosto da beleza artística. Casou-se em 30/5/1843 em Napoli por procuração com D. Pedro II de Bragança, Imperador do Brasil.

Com 21 anos de idade, chegou ao Rio de Janeiro na madrugada de 3/09/1843, a bordo do navio Constituição. O casal teve quatro filhos: Afonso, Leopoldina, Pedro e Isabel, esta última foi chama-

da de Redentora, pois sancionou a Lei Áurea em 13/05/1888, que extinguiu a escravidão no Brasil. D. Pedro II amava filosofia, artes e ciências, e permaneceu sempre no centro da atenção dos historiadores, mas sua esposa apareceu na historiografia oficial relegada ao papel de "Mãe dos brasileiros". Sua imagem estereotipada foi a de uma mulher silenciosa, que compensava a falta de beleza física com a bondade e as virtudes do coração.

Teresa Cristina foi colocada na sombra, mas as pesquisas e os estudos do prof. italiano Aniello Angelo Avella (1943-2017), realizados em arquivos italianos e brasileiros, revelam uma personalidade de notável cultura e força, longe da imagem submetida e discreta; uma mulher influente na política, incentivadora e amante das artes, música, arqueologia,



Imperador Dom Pedro II e a Imperatriz Teresa Cristina do Brasil" pintura de 1859. Acervo do IHGB da Bahia



Teresa Cristina. Obra do Pintor Jean Courtois, 1865

pintura. Graças à sua presença no Brasil, o período 1843-1889 foi um dos períodos-chave para a construção da identidade brasileira e o processo de trocas culturais e sociais entre Itália e Brasil. Além do casamento entre D. Pedro II e Teresa Cristina, para reforçar a união entre os Borbone e Bragança, veio em seguida o casamento entre o irmão de Teresa, Luís Conde de L'Aquila, e a irmã do imperador, Januária, regente do trono brasileiro.

Sob o patrocínio da Imperatriz, no Rio de Janeiro floresceram artesanato, atividades musicais e teatrais. A grande paixão dela era a arqueologia, tanto que artefatos de Pompéia, Herculano e Veio partiram para o Rio de Janeiro, e diferentes artefatos e instrumentos de índios brasileiros viajaram para aumentar as coleções do Museo Reale dei Borbone de Napoli (atual Museo Nazionale).

Graças à Imperatriz, o Brasil podia contar com uma coleção arqueológica de cerca de 700 peças, a maior da América Latina, guardada no Museu Nacional/UFRJ. Teresa Cristina também influenciou significativamente a composição dos fluxos migratórios. Graças a ela, foi criado um húmus que promoveria a formação da maior colônia de emigrantes italianos no exterior. Emitiu leis para melhorar a situação da saúde pública e do ensino, facilitando

a chegada de médicos italianos, engenheiros, professores, farmacêuticos.

Durante nossas pesquisas, encontramos documentos, fotografias de grande importância e beleza, nomes de muitos artistas, trabalhadores, artesãos provenientes do sul da Itália. Mas sua saúde ficou comprometida, desde a morte prematura dos dois filhos, e a perda da filha Leopoldina. Depois, o fim do Império.

Em 15/11/1889, D. Pedro II foi deposto e com um golpe a República foi proclamada no Brasil. Os conspiradores deram à família imperial 24h para deixar o país. D. Pedro II, Teresa Cristina e a filha Isabel embarcaram para Portugal na madrugada de 17 de novembro. Encontraram alojamento no Porto onde Teresa caiu doente. Morreu de um ataque cardíaco em seu quarto de hotel em 28 de dezembro de 1889, aos 67 anos de idade. Ainda uma vez os jornais europeus deram atenção a Teresa Cristina, assim como em 1843, quando o *Giornale del Regno delle Due Sicilie* publicou poemas em homenagem a ela, como este:

Parti e ti sian propizi/Il cielo, i venti e l'onde/Ti veggan salva e incolume/le americane sponde/Che in noi di te l'immagine/Tua viva rimembranza/Né tempo o lontananza/Mai cancellar potrà.

Na ocasião dos 159 anos da viagem dela e D. Pedro II para o Norte e Nordeste do Brasil, o professor Eduardo Moraes de Castro, presidente do Instituto Geográfico Histórico IGHB do Estado da Bahia, me convidou. Foi assim que em 16/10/2018, em Salvador, fiz uma palestra para homenagear a Imperatriz Teresa Cristina, a Princesa itálica, minha conterrânea, que tanto amou o Brasil e que tanto influenciou a formação social e cultural do país.

Antonella Rita Roscilli é italiana, brasilianista, tradutora. Mestre em Cultura e Sociedade, Doutoranda no IHAC pela UFBA. Pesquisadora e divulgadora da cultura brasileira e dos laços históricos entre Brasil e Itália. Eleita, por unanimidade, Membro Correspondente pela Itália na ALB-Academia de Letras da Bahia e no IGHB-Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.



A Academia convida para Poesia

A palavra e a cidade

eu vi a cidade das construções impos-
síveis o aço o cimento o bagaço
das tradições devassadas eu vi a
cidade sem rumo no lodo das cal-
çadas sem guias e veria pedrinhas
de brilhante nos olhos da ciranda,
se essa rua fosse minha

eu vi afluentes de palavras
interditas refluindo pelas
marginais de mão única e os
vasilhames plásticos surfan-
do águas de cristal boêmio
eu vi memórias arranhando céus
submersos no esquecimento
vi o eterno do tempo nas planícies
calvas e a idade dos bairros nas
calvícies planas

na cidade que eu vi chove ácido
nos semáforos das impaciências
vi o medo desencapado na magre-
za parda das esquinas
e vi a fome nas saias de organdi
pegando pesado na madrugada lilás

eu vi o trem o trilho e a paisagem
acelerando nostalgias na janela
vi o muro que era um muro de
ninguém e o piche derretendo-se
em tédio eu vi o prédio onde mora
a vista que me sabia quanto, eu
vi o espanto nos dentes do mole-
que pescando dos bueiros o sonho
aprisionado ao meio fio

eu vi o plexo dos sóis nas horas
translaçadas por Saturno

eu vi o olho noturno do poeta se
azular dentro da estrela, e ele vê,
na servidão do VERSO, a intransi-
gência conjugada pelo avesso

vê o VERBO regular terminações
nervosas no vai e vem dos tempos
declinados fecunda o poema que
liberta o fluxo das avenidas inter-
ditas e aguarda o desejo restaura-
do sobre a linha partida de chega-
da amanhece em quase.

Ficam os gestos

em tuas mãos segregas meus segredos
enlaçados nos dedos do destino
que em tuas mãos
revive na pele machucada
o roteiro do breve desatino

em nossos corpos tarda verde o
gozo vespertino tingindo de qui-
mera o desejo deflagrado
por teu pouso, carne, deságue
licoroso que meu corpo - ventre
comungado - espera

em teu suor sobre meu corpo o teu
sabor eu testo: o sal é resto na pele
que resseca é palavra rouca, é sai-
broza amora como a hora desistida
de quem peca

se em tuas mãos segregas meus
segredos se em nossos corpos tarda
o gozo vespertino e teu suor é sal
que seca a pele,
desvela o olhar de instante inter-
rompido que é mais do que o
mito distraído dos profanos
versos lapidares

- os pesares do prazer na
mão mordaz

são reversos da paixão que
hoje aqui jaz.

*Vincitrice del XXV Premio Mondiale di
Poesia Nosside - Itália -*

Nas paralelas

cercada de poucas palavras
calava na garganta a ausência
como se nada fosse sempre

cercada de tão pouca imagem
talvez sonhasse - ou, será, fingia
como se nada fosse

cercada de tão pouca fé
trazia no bolso um hiato
como se nada

cercada tão pouco de si
tomava da poesia sua pena
como se.

Lilian Gattaz

Paulista, Psicanalista, Contista e Poeta, seus textos estão premiados e publicados no Brasil (SP/RJ/DF/MG/SC/RS), Europa (Espanha/Portugal), e EEUU. Ativista Cultural, participa como Autor Convidado em sucessivas edições da Off Flip (Paraty/RJ), Casa das Rosas (São Paulo/SP), Brazilian Endowment of Arts (NYC/EEUU), Casa Guilherme de Almeida (São Paulo/SP), entre outras. Em entrevista gravada para o programa Perfil Literário, Rádio UNESP FM (direção Oscar Ambrósio), fala de sua literatura e processo criativo: www.aci.reitoria.unesp.br/radio/perfilliterario (entrevista 268).

A Academia convida para Arte



REGINA CHEIDA ARTISTA PLÁSTICA



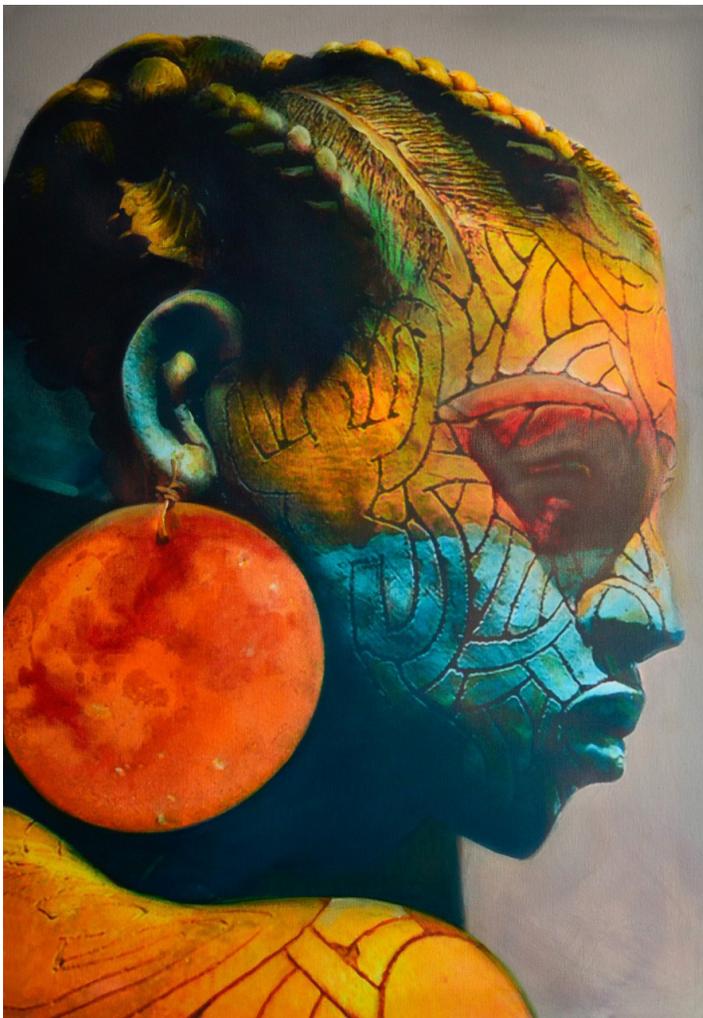
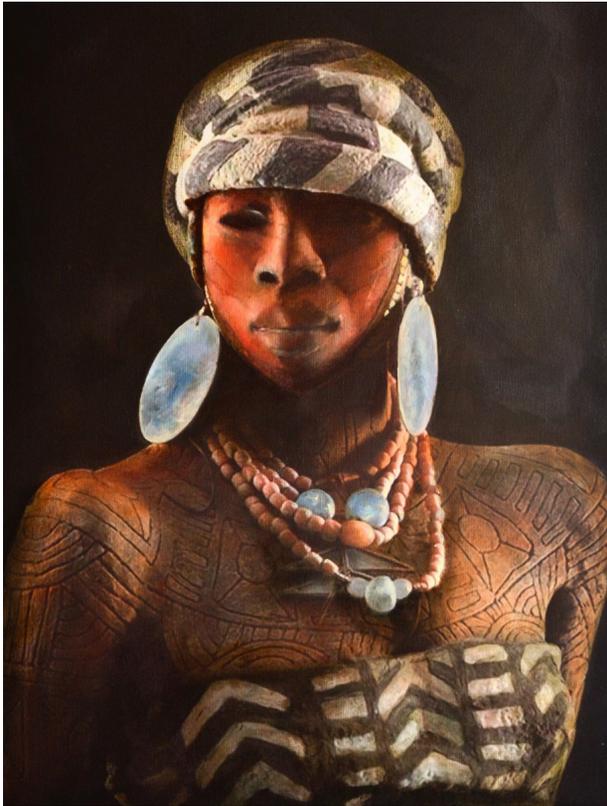
Uma artista moderna e vibrante. Regina teve uma formação singular, à universidade ultra moderna e contemporânea aliaram-se os estudos de orientação rigidamente acadêmicos ministrados pela Escola de Angelina Waldemarin Messemberg. Com essas escolas de treinamento tão díspares porem complementares, desenvolve-se uma versatilidade enorme na artista.

Assim ela trilha com facilidade pelos abstratos de grande porte onde a expressão artística é essencial, mas viaja também pelo academicismo como vemos nesta

mostra, onde a técnica é preponderante. A artista brinca e navega entre a expressão artística e a exigência da técnica.

Cria pela paixão do colorido, pela beleza das formas fluidas e busca sempre as transparências formadas pela ausência de tintas. Para a artista a arte é alegre, colorida, dançante, trás felicidade e sensibiliza a alma.

Suas obras transitam com desenvoltura entre galerias de arte e escritórios de arquitetura. Diversas vezes premiada, tem obras espalhadas em diversos países do mundo. Alemanha, África do Sul, Itália, Coréia, Estados Unidos e China.

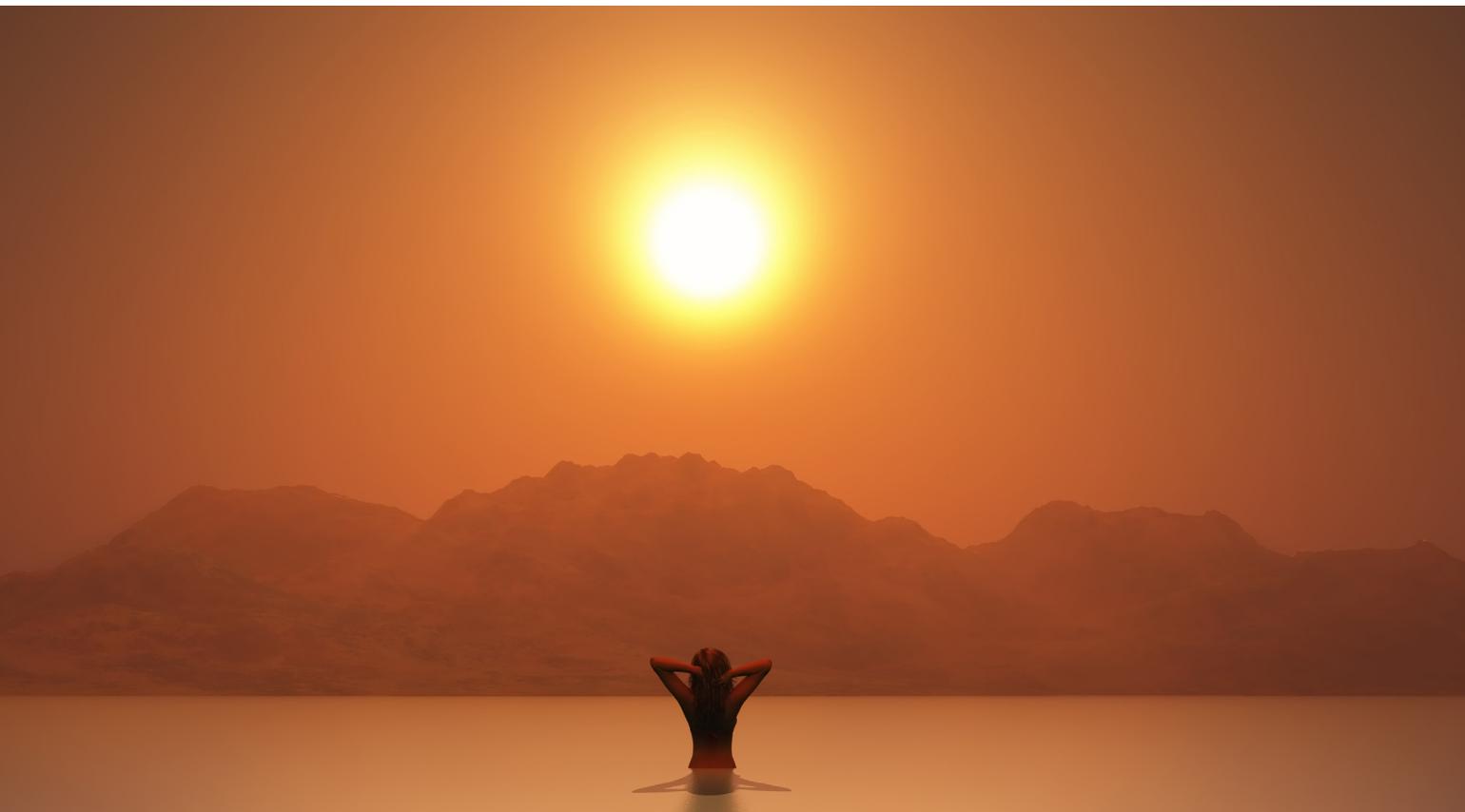




A um sol amigo e tão antigo

Acordem, almas indolentes!
E abram suas alas para um sol nascente
A suspirar por um sorriso, ardentemente...
Suntuosa bola incandescente
Que ao despontar no horizonte faz-se o dia
Ofuscando os astros do infinito
Tão distantes a admirá-la
Com medo de suas fornalhas.
Labaredas avermelhadas e fluorescentes
Esparramadas no leito do mar,
Tão mais belas e nítidas quando um sol poente
Mornas e já cansadas de brilhar.
Não o invejo, sol amigo e tão antigo,
Observador incansável do universo

Só porque tenho uma existência pequena.
Vivê-la, ainda que fugazmente, vale a pena,
Tendo uma alma grande e serena.
Um dia margeari com minhas asas as suas chamas,
E me agregarei aos astros do céu para admirá-las
Mas não terei medo de suas fornalhas.
E aqui você ficará, ardendo eternamente,
Aquecendo a terra dos homens
E o coração de toda gente.





Pizza Cultural

A PIZZA CULTURAL é, hoje, uma das principais atividades da ARLEC, pela sua importância e regularidade. Gestada como uma forma de provocação intelectual para despertar ideias e debates, a atividade foi ganhando corpo, forma e se consolidou como um importante encontro cultural dos Acadêmicos.

Toda primeira quarta-feira do mês, após a reunião da Diretoria da ARLEC, no espaço do segundo andar do “Restaurante e Pizzaria San Remo”, há a apresentação de um assunto de interesse geral, no campo das ciências, artes e letras, por um dos membros da Academia ou por alguém convidado, de notório saber e destaque nessas áreas.

Trata-se de um saudável encontro intelectual, que, durante e após a apresentação, abre-se para o diálogo e debate sobre o tema ou assunto

apresentados. Essa abertura enriquece ainda mais o evento, com a participação dos presentes e a colaboração do autor da proposta propositalmente denominada de “provocação”.

O objetivo é, dentro de um paradigma intelectual e artístico relevante, apresentar aspectos singulares da cultura, das ciências e das artes, abrindo mais um canal de veiculação de ideias e pensamentos na cidade. A participação também é livre e todos, após a degustação de belíssimas aulas e exposições, saboreiam ainda uma deliciosa pizza.

Já participaram do evento com peculiares provocações, os seguintes acadêmicos: Araguaí Garcia, Samir Barcha, José Luiz Balthazar Jacob, Luiz Dino Vizotto, Lelé Arantes, Sérgio Vicente Motta.

Os convidados não acadêmicos e que recebem, mais uma vez, nossos agra-

PIZZA CULTURAL



ARLEC

A ilustração feita por, Sérgio Vicente Motta - Arlequina

decimentos, foram: Isabel Pimenta Hernandez, Maria Antonia Ferreira Arantes e Sílvia Nogueira Cury. A próxima reunião, prevista para o dia 02 de outubro, terá a participação de Maria Helena Curti. Para encerrarmos o ano as Pizzas Culturais serão servidas nos dias 06 de novembro e

04 de dezembro.

Coloque em sua agenda, no início de cada mês, esse encontro gastronômico recheado de saberes, temperado com especiais pitadas artísticas e com um singular sabor intelectual, devidamente apresentado em uma instigante mesa de debate cultural. Imperdível!



Impressões Digitais

As expectativas são constantemente surpreendidas por situações adversas.

Concebida através de estudos de imagens digitalizadas, extraídas da obra “ Pintura sem fim”, que representa a relação em rede de tudo.

Uma “azulejaria” abstrata.

A série “ Impressões Digitais” registra uma passagem.

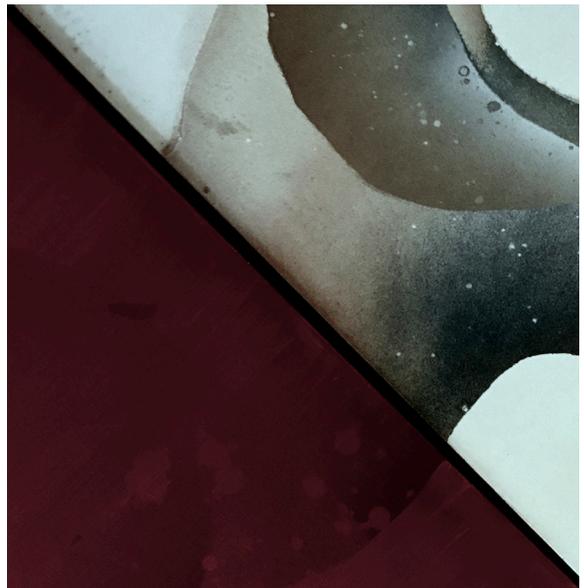
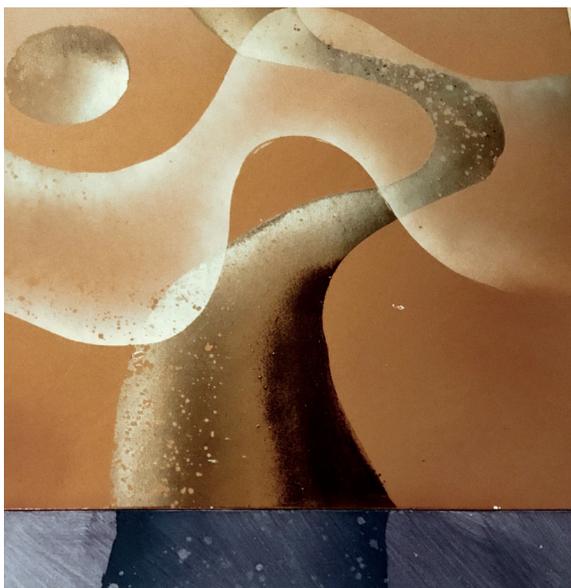
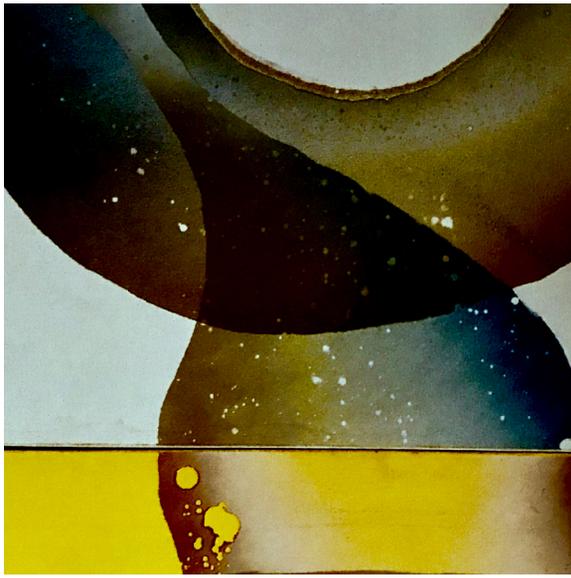
Neste caso, meus 60 anos de idade. Sem expectativas. Apenas a resignificação de algo já vivido e absorvido.

A busca de efeitos e de resultados plásticos, digitalizando e imprimindo, que sejam surpreendentemente imprecisos, des-

construindo a azulejaria , e ainda conservando a inter relação das formas, que é agora mais sutilmente representada.

Viver é a arte da imprecisão.







O vô di barba branca

Muitas estórias se ouviam de antigos contadores de causos em noites de luar, quando caboclos de poucas letras se reuniam em torno de fogueira no meio do terreiro. Eram contadas por puro divertimento, com intenção de amedrontar ouvintes mais incautos. Outras, porém, não deixavam dúvidas quanto à veracidade, ficando os ouvintes de cabelo em pé.

E quando a história é contada por uma pessoa letrada, como fica? Tenho um amigo médico que tem fazenda lá pros lados de Planalto. Seu rebanho começou a morrer por picadas de cobras que moravam dentro de um capão de mata fechada. Seu capataz orientou para que buscassem um rezador. Ele, cético que era, desdenhou. As reses diminuía a cada dia. Até que resolveu mandar chamar o tal homem. Ele chegou, entrou na mata e pouco depois saiu dizendo: “Cunversei c’as cobra, elas num vai mais picá u gadu”.

Por mais incrível que pareça, disse-me, as mortes cessaram. Como se explica isso?, indagou.

Outra história, essa contada pelo também médico Wisnton Sacchetin, sobre a saga vivida por seu pai, Silvio Sacchetin. De origem italiana, trazia no sangue o desejo de vencer. Tanto é que, anos depois, sentado no alpendre da casa grande da fazenda, disse em latim clássico a frase supostamente proferida pelo general e cônsul romano Júlio César, em 47 a.C: “Veni, vidi e vici” - Vim, vi e venci.

Ele morava em Olímpia quando comprou uma gleba de terras no norte do Paraná, na cidade de Centenário do Sul, em 1948, para formar cafezais. A família continuou morando em Olímpia. O pai, acompanhado dos filhos maiores, ia de jardineira. Vale lembrar que as estradas eram de terra. Na época das chuvaradas, demoravam dias para chegar ao destino. A fazenda era coberta de matas virgens. Derrubavam as árvores, em seguida plantavam café. Terra nova, rica em nutrientes, os pés cresciam, a florada chegava.

Por volta de 1955, a fazenda estava com mais de 100 mil pés de café

produzindo. A sede e demais benfeitorias, prontas. A colônia com vinte casas acolhia os meeiros. A vida corria normalmente. Os Sacchetin continuavam no ir e vir de Centenário do Sul a Olímpia.

As famílias, na época de colheita, levavam todos pra roça. Até os filhos pequenos ajudavam na lida. As matas e os cafeeiros conviviam lado a lado. Em noites escuras do sertão, ouvia-se o esturrar das pintadas.

Depois de um dia estafante na lida, quando o sol barria o horizonte, uma das famílias, ao reunir a molecada



Imagem divulgação

para ir para casa, deu por falta de Levino, menino de 4 anos, e do cão perdigueiro. A mãe em desespero gritava pelo filho. Seu grito ecoava mata adentro, como se fosse um lamento: “Leviiiiinoooooooooo!” Procuraram a noite toda, e nada. Pela manhã, viram surgir no carreador o cachorro. Encheram-se de esperanças, pensando que a criança vinha logo atrás. Nada. O cachorro chegou sozinho, e logo desapareceu pelo mesmo caminho.

Durante três dias, procuram pela criança, imaginando o pior. No quarto dia, viram, distante, dois vultos saírem da mata. O cachorro seguia na frente, Levino logo atrás, comendo um pedaço de palmito cru. Passada a emoção, perguntaram por onde eles andaram. Na sua santa inocência, disse: “U vô baxinhu di barba branca relanu nu chão cuidô di nós, danu água i carne di bicho”. Passados tantos anos, a dúvida ainda permanece na família Sacchetin, sem que se saiba quem realmente era o velho. Humano ou entidade?

Mistérios...

Jocelino Soares

Natural de Neves Paulista - 1955

Policial Militar aposentado, pedagogo, pós-graduado em Arte Educação

Artista Plástico, exposições no Brasil, EUA e Itália

Escritor: Livros editados: Clara, Um Romance Caipira, O Criador de Sacis

Escreve crônicas quinzenalmente no jornal Diário da Região



Vida vazia

A cada 15 dias, seu Romeu, o mascate, passava na colônia. Dona Rosa esperava ansiosa, sentada no degrau da porta, ele chegar trazendo na bagagem desde pentes até imagens de santo. Estava grávida de quase oito meses e ele havia prometido trazer uma santa que, com certeza, ela ia adorar.

Quando enfim se aproximou da casa, ela foi ao seu encontro. O homem lhe mostrou a imagem, ela estranhou por vir trajada com armaduras. O mascate então lhe explicou que a santa fora uma guerreira na França e que, depois de vencer batalhas, foi condenada injustamente. A sentença de morte foi a fogueira. Santa Joana d'Arc. Gostou da história e do nome. "Si fô minina muié, vô ponhá essi nomi bunitu", pensou. Tinha "seis mininu homi".

Dito e feito. A santa concedeu o milagre trazendo ao mundo uma menina. A promessa fora cumprida. Na família, ninguém conseguia pronunciar o nome completo. Em pouco tempo, todos passaram a chamá-la carinhosamente de Joanhina.

Aos 15 anos, era moça formada. Linda como uma princesa, diziam os moços casadoiros. Um dia, receberam a visita

da dona da fazenda, pedindo aos pais para autorizá-la a ser babá de seu filho na cidade. Joanhina adorou a ideia, Assim deixaria o trabalho duro da roça. A patroa disse que pagaria bom salário e a colocaria no colégio. Muito a contragosto, consentiram.

Na cidade, durante o dia, era babá e, à noite frequentava a escola. Muito sonhadora, gostava de ler e recitar poesias. Adorava Gonçalves Dias. Um dia, foi apresentada aos poemas de Carlos Drummond e se apaixonou.

No início, ia todos os finais de semana visitar a família na roça. Com o passar

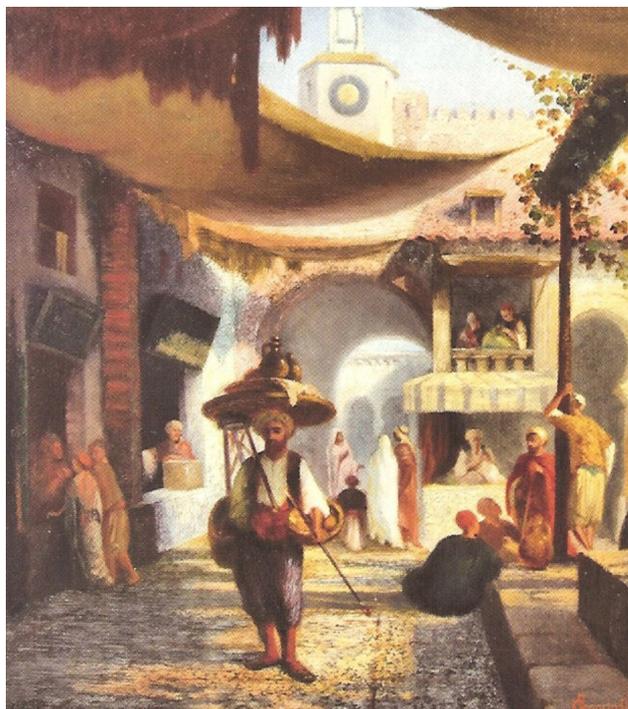


Imagem divulgação: Frederick Goodall - Bazar Mascate

do tempo, foi raleando, até se reduzir a menos de uma vez ao ano. Tinha muitos afazeres na cidade, dizia aos pais. Eles acreditavam.

Agora, às vésperas de completar 18, era ainda mais bela. Influenciada por amigas, deixou o emprego de babá para trabalhar em lojas no centro da cidade, ganhava mais. Certo dia, alguém lhe disse que, se ela desejasse, poderia ganhar o quanto quisesse, usando da formosura. Ela se interessou. Em pouco tempo, era a moça mais conhecida na casa da Maria Surda, na zona do baixo meretrício. Era desejada por homens de negócios, profissionais liberais e por quem pudessem pagar seu preço. Continuava lendo poesias. De vez em quando, se lembrava da família. Arrumava sempre desculpas para não ir visitá-los e assim os dias iam passando. Ganhava bem. Dinheiro que entra fácil sai fácil. Nem se deu conta de que os anos tinham passado tão rapidamente. Só percebeu quando os clientes se amiudaram. Não era mais a que-

ridinha da casa, fora substituída. Agora sem lenço e sem documento, como diz o dito popular, lembrou-se da família.

Decidiu que iria embora de madrugada para que ninguém a visse partir. Como pode ficar tanto tempo sem ver seus entes queridos? Não sabia como enfrentá-los. Naquela noite, não pregou os olhos. Estava ansiosa com a decisão. Um misto de saudade e arrependimento tomou conta de sua alma.

Joana d'Arc era a imagem de um espectro ambulante. Não era nem sombra do que fora um dia, estava velha e acabada. Rua deserta.

Nos postes de iluminação, mariposas voavam em torno da luz fraca. Chuva miúda molhando a calçada deixava a cena fantasmagórica.

Alma partida, vida perdida, ninguém na rua. De repente, ouve atrás de si: “A bolsa ou a vida”. Sem querer, lembrou-se de um poema de Drummond. E respondeu: “Tanto faz, as duas estão vazias”.



Imagem divulgação: Frederick Goodall - Bazar Mascate



Miséria

Miséria, quem fala de ti?

Miséria, quem cuida de ti?

Nos jornais a relatam,
em discursos a exploram

Miséria, de onde vens?

Miséria, por que perduras?

Da ganância dos homens provéns
mas, para ti não dão a cura

Miseráveis, gritem alto!

Miseráveis, mostrem o rosto!

Mas, não assumam a violência,
que dos abastados tiram o sono,
nem deem aos poderosos o gosto
de aniquilarem vossos sonhos

Miseráveis, sonhem alto!
Miseráveis, pensem grande!
Aspirem até a vã realeza,
imaginando nela existir
atitudes de grandeza ou nobreza
em favor de um feliz porvir

Mas, saibam vós miseráveis,
que sua busca é mero sonho,
pois não há entre nós humanos,
sentimento mais forte e medonho
do que o medo de partilhar
aquilo que acumulamos





A soberba feminina

O mundo mudou, e creio que foi para pior. Se antes temíamos ou respeitávamos a Deus, hoje muitos assumiram o papel de deus. Creio que será um embate difícil para aqueles que de agora em diante partirem. Desde os tempos mais remotos, o homem se caracterizou pelo caráter dominador, agressivo e pregador da competição, da conquista e da ambição. Portanto, sua suposta importância é conhecida de longa data. No entanto, nas últimas décadas as mulheres parecem que se tornaram mais radicais. Muitas passaram da submissão para o desejo ardente de dominar. Vejo tantas delas caminharem pelo mundo como se fossem intocáveis e eternas, convictas de que a elas nada possa acontecer e que tudo possam fazer. A arrogância se igualou à masculina e não

raramente superou.

Filhos medíocres, drogados, violentos e desorientados são citados por elas como heróis. Se alguns têm alguma competência, elas os transformam em gênios e passam a louvar seus feitos. Quanto aos maridos, que pobreza. Basta uma boa conta bancária que surge o suposto amor perfeito. Não exigem muito deles, alguns nem são percebidos, mas qualquer redução no saldo bancário é algo imperdoável. Adoram cantar glórias de suas famílias, enquanto se esmeram e se deliciam em deplorar as dos outros.

Isso é feio, triste e lamentável!

Aí, minha imaginação cria um turbilhão em minha mente e eu vejo num ponto futuro qual seria o proceder. Vejo algumas delas dizerem à Maria Santíssima, que foram mães melhores do que ela. Alegarão que jamais permitiriam que a um filho delas fizessem o que ao Homem de Nazaré fizeram.

- Você foi fraca e não o protegeu
- diriam algumas.
- Você não preparou seu filho para a vida – gritariam outras.
- Nós cuidamos de nossos filhinhos. Nós os preparamos para o mundo – seria a alegação da orgulhosa maioria.



Provavelmente, como era seu estilo, basta ler os Evangelhos, Maria permaneceria calada, sem dar importância à corja irada.

Maria foi e sabia que era um instrumento de Deus. Sabia melhor que ninguém o destino que o filho teria.

O Homem de Nazaré poderia ter dominado o território em que vivia, como fazem os filhos das mulheres de hoje.

Ele deixou de lado a ambição e arrogância, pois sabia que a nada isso o levaria.

Conviveu com poderosos e os amedrontou. Sentou-se à mesa com os humildes e a eles elevou. Tratou e tocou os doentes, sem medo ou temor, e a eles curou ou a dor amenizou.

— Mas meus filhos enriqueceram, se tornaram poderosos — gritariam prepotentes mães atuais, tentando provar seu valor.

Maria continuaria calada, sem se alterar com as besteiras faladas.

— Seu filho pegou a moeda e disse: “A Cesar o que é de Cesar. A Deus o que é de Deus”. O meu multiplicaria aquela moeda por centenas de milhares de outras — diria a exuberante mulher deslumbrada com sua suposta riqueza.

Maria continuaria calada. Nada daquilo a ela interessaria.

Enfim, após intermináveis argumentações agressivas, provenientes de mulheres muitas vezes acostumadas a desrespeitar seus maridos, a se embriagar diante dos filhos e nada mais lhes ensinar além da necessidade de agredir e competir, Maria diria:

— Qual de vocês viu o filho ser flagelado?

— Alguma seguiu o filho carregando a própria cruz?

— Tiveram algum filho crucificado?

— Alguma de vocês desceu da cruz o filho morto?

— O nome de algum de seus filhos atravessou mais de dois mil anos como exemplo de vida? Algum de seus filhos dividiu o tempo entre antes Dele e depois Dele? O silêncio se faria total.

Então, em sua bondade de Mãe de todos nós, ela diria: — Acalmem-se. Sejam humildes e se justifiquem diante do meu Filho que está sentado naquele Trono, por onde todas vocês e também seus filhos terão de passar.

E completaria:

— Ele é manso de coração, e o seu fardo é leve, e seu jugo é suave. Eu não o ensinei a competir como vocês fizeram, apenas o acompanhei em seus ensinamentos sobre amor e fraternidade. Podem ir sem medo, pois Ele é todo Misericórdia e Amor.

Como afirma São Paulo: “ninguém se salva por seus próprios méritos, mas unicamente pela Infinita Misericórdia de Deus”. No entanto, é necessário que se tenha fé, humildade e capacidade para entender essa afirmação!





De empréstimos e Ofertas *Para Z.*

I – EMPRÉSTIMOS

Empresta-me teus olhos para não te cansares de ver tantos dissabores nem
flutuar entre momentos difíceis.

Empresta-me tuas mãos para que o trabalho não te desgaste
nem te canse nem te exaure as forças,

estas mesmas forças a preservar para dias vindouros.

Empresta-me tua boca de onde nada sai a não ser beijos,

bons sons, música na voz,

essa voz que me toca o fundo da minha alma amante.

Empresta-me teus pés para que com eles eu te faça percorrer
caminhos de possível alegria e, olhando para trás possamos
ver o quanto caminhamos juntos.

Empresta-me tuas pernas nas quais enroscarei as minhas
e descansaremos da jornada obrigatória do amor,

entre suspiros e suores.

Empresta-me teu coração para que, com seu pulsar,
eu te faça sentir a vida que nos resta nestes corpos perecíveis
e para continuar a viver voos infinitos.



II - OFERTAS

Ofereço-te minhas mãos para quando as tuas precisarem de consolo;
meus ombros para que te apoies evitando a solidão e a tristeza;

meus olhos para leres o que não puderes,
preferindo-te ouvir-me;

minha voz que te cantará nossas canções antigas a fim
de revivermos outroros tempos.

Ofereço-te meus ouvidos para queixumes e dores tão
comuns a nós dois

quando precisarmos aliviar o fardo da Vida e o medo da Morte.

Ofereço-te o que sou:

minh 'alma ansiosa da tua;

minha vida, pequena mas total e ávida de teus saberes,
admirada de tua grandeza.

Ofereço-te a oferta final de passos combinados,
de cúmplices mãos dadas,

de mesmas respirações, de carinhos inesperados,
de intensos suspiros,

de intensos suspiros, de surpreendentes situações
e de múltiplas alegrias.

Ofereço-te, enfim, tudo o que sou enquanto formos.





Gotas de gratidão

Acorda diferente naquele domingo. Não pula da cama, como de costume, não maldiz o despertador, não pensa nas tarefas a cumprir. Deixa-se espreguiçar demoradamente na cama, alongando cada músculo do seu corpo, sentindo em si a paz e a sonolência do dia que está amanhecendo.

Em vez de engolir uma xícara de café e ir correndo para o trabalho, prepara para si uma farta mesa de café da manhã na varanda de sua casa e aprecia cada item como se fosse uma especiaria muito rara, dádiva divina. Mastiga cada porção muitas e muitas vezes, sente o sabor de cada fruta,

delicia-se com o aroma do pãozinho quente e do queijo derretido.

Após o café, deita-se na rede e de lá começa a apreciar a dança dos pássaros que anunciam novidades no ar. O vento brando balança as folhas dos coqueiros, o azul do céu e o brilho do sol invadem suas retinas e a embriagam de beleza. Os mesmos pássaros de todos os dias, os mesmos coqueiros, o mesmo céu...Tudo lindo, porém engolido vorazmente pela correria cotidiana.

Respira fundo, solta seu corpo na rede, deixa-se ficar. De repente, um sentimento de gratidão toma conta de todo o seu ser, e ela, mergulhando



em águas calmas, começa a contemplar. Dentro e fora. Fora e dentro. Passado e presente se misturam num desenho feliz.

Agradece pelo dom da vida. Lembra-se de que, para estar viva naquele momento, seu corpo está realizando um trabalho fabuloso, numa engenharia sofisticada, de equilíbrio e dinâmica perfeita. Além disso, lembra-se de que para ser quem é, seus pais, avós, bisavós, e todos que a antecederam, também tiveram corpos perfeitos com funcionamento perfeito. Emociona-se pensando nesta sequência de eventos sincronizados que a trouxeram até aquele exato momento. Vai aos poucos revendo sua trajetória de vida, seus momentos de grandes alegrias e também aqueles em que sofreu muito. Por todos sente-se grata, pois de todos conseguiu aprender e acolher marcas que penetraram sua vida e sua alma.

Em flash-back, vê-se como uma criança tímida, porém resoluta, como uma adolescente terna e romântica, como uma mulher batalhadora e decidida. Vislumbra os pais maravilhosos que tem, seu amor constante e incondicional. Quanta sabedoria lhe inspiram! Quanta

gratidão merecem! Lembra-se dos filhos e por eles se sente grata. Percebe que a natureza parece sempre ter-se esmerado no encadeamento de ações felizes. Agradece pelo marido, presença constante e dedicada...Vê seus irmãos e amigos, cada um colorindo com diferentes matizes o quadro de sua vida. Amores de uma vida inteira. Por tudo vai agradecendo e o filme de sua vida vai-se compondo de cenas e pessoas muito amadas, de ângulos e flashes especiais.

Inebriada pelo doce sabor da gratidão, abre o caderno de compras da casa e nele registra:

“Hoje decidi ser feliz. Não vou olhar para as dificuldades como se elas fossem empecilhos para minha alegria, mas sim oportunidades para exercitar minha determinação.

Hoje decidi ser feliz. Em vez de ansiedade, alegria. Em vez de preocupação, agradecimento.

Hoje decidi ser feliz. E por saber que a felicidade é uma decisão, olharei minha vida com olhos novos e agradeceréi cada detalhe como um verdadeiro milagre. E sendo feliz hoje, estou preparando minha felicidade de amanhã, de depois de amanhã, de depois de depois de amanhã...”.



Crucifixo

Ângulos retos prendem mãos e dedos
Num silêncio sem voz na sala antiga.
Sol de claro e preguiça inunda a mesa,
A caixa de costura evoca o tempo.

O vestido da avó na tarde lenta
Tem mistérios de preto e de rendado,
À flor da pele os dedos multiplicam
Em forma de silêncio e ladainha.

Reza muda de lábios ressequidos,
A figura pendente e angulada
Escuta o som da prece comovida.

Uma sombra sem cor projeta o mundo
Na parede de branco e de crateras,
O tempo escuta a prece da memória.

Macahubas

Na ciranda da tarde um leve crepitar de sons.
De longe as vozes fluem confundidas no tilintar
do malho das oficinas,
E a poeira lenta e sonolenta mancha a claridade
quando passam os tropeiros.
Mesmo assim os árabes conversam à porta de
suas lojas vazias,
Como se o mundo ainda existisse.
De repente a voz de minha mãe:
“Menino, vem moer café.”
E a ciranda se desfaz à
sombra dos casarões.



JOÃO ROBERTO ANTÔNIO

Meio Século de Medicina da Pele

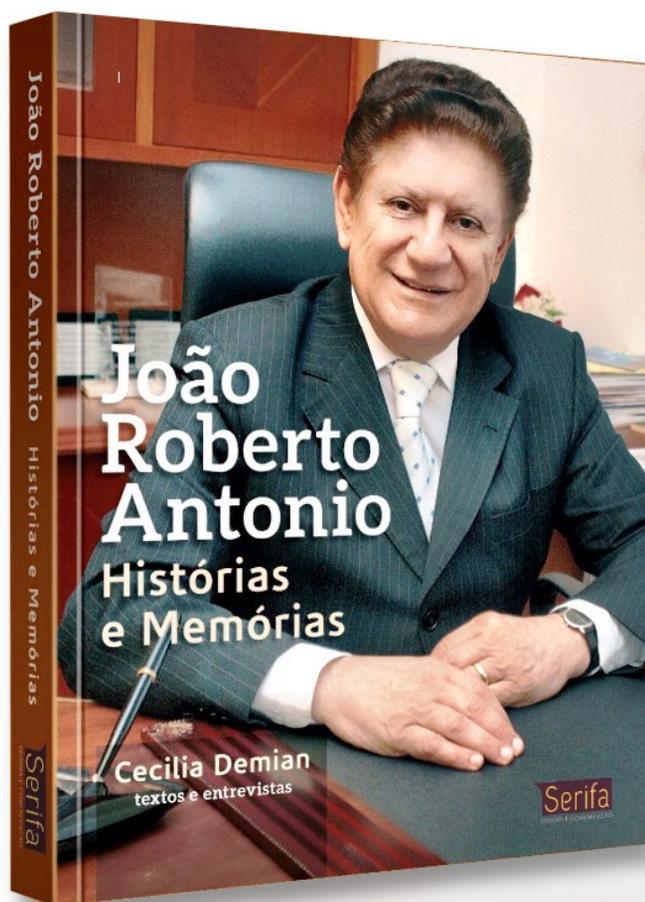
O médico dermatologista João Roberto Antonio lançou no dia 21/8 seu livro de memórias, num evento concorrido no Espaço Algodoeira, de Rio Preto, com presença maciça de médicos e amigos. Mais de 300 convidados foram abraçar o doutor, de 81 anos,

com 51 deles dedicados à medicina da pele e ao ensino superior médico.

O cerimonial foi presidido pelo jornalista Roberto Toledo, com discursos dos médicos Carlos Cury e Carlos Roberto Cury, entre outros, todos evidentemente emocionados em homenagear dr. João.

Professor e co-fundador da Famerp (Faculdade de Medicina de Rio Preto), dr. João Roberto faz no seu livro autobiográfico um mergulho na infância, vai para os tempos de estudante no Rio de Janeiro até os dias atuais com seus incontáveis prêmios e conquistas e ainda, a evolução da medicina dermatológica. Participou do primeiro vestibular da Famerp, em 1968, e desde então, tem se dedicado também à vida acadêmica. É um professor idolatrado. Além das noções básicas da medicina, ele ensina a amar o próximo, os pacientes principalmente.

Seus antigos alunos não se esquecem das lições de humanidade que receberam deste professor. Repetidas vezes é escolhido paraninfo de turma



Livro lançado por Joao Roberto Antonio,
em 21 de agosto de 2019

de formandos, ou nome de turma, ou homenageado. Em todas as ocasiões, se emociona e chama os alunos de ‘filhos dermatológicos’.

Desde que se formou no Rio, já era cotado pelos seus professores que o queriam trabalhando com ele, mas escolheu Rio Preto, terra da família. E foi aí que ele começou tudo o que há de Dermatologia, construindo os pilares da disciplina na Famerp (hoje um serviço de nível mundial), criando ambulatório no Hospital de Base e liderando campanhas de saúde e congressos internacionais. Seu filho, Carlos Roberto, seguiu a carreira do pai e deu impulso tecnológico e inovador à clínica Pelle, onde também trabalha o filho caçula, Luiz Roberto, numa perfeita gestão do empreendimento familiar. À frente, ainda a esposa Cidinha Cury, professora, escritora, mulher de espírito forte e criativo, cheia de ideias e realizações. Sua equipe de trabalho tem funcionários com quase 50 anos de casa, a maioria, sempre comprometida e em sintonia. Enfim, há uma rede de amor e har-



Ester Mendonça, Deodoro Moreira e Cecilia Demian enquanto festejavam com amigos na Algodoeira

monia da família e dos funcionários que energiza a vida de JRA.

Tive a felicidade de dividir a autoria do livro com ele, colhendo seus depoimentos de vida e entrevistando personagens que gravitam ao seu redor, importantes tanto afetivamente quanto profissionalmente. Momentos de muito respeito, afeto e aprendizado. Na produção de material de conteúdo e divulgação na mídia, tivemos a imprescindível colaboração da jornalista Ester Mendonça, sua assessora de imprensa há décadas, com edição do jornalista e professor Deodoro Moreira.

Vida longa a JRA, é o que desejamos!

PONTO FINAL

Dizem que o ponto final encerra tudo. Não é verdade.

Encerra, mas não tudo. Muitas vezes nem encerra. Apenas deixa algo registrado no ar como um documento firmado sobre nuvens, como se fosse possível espreitar o futuro que vai chegando para aquele presente esgotado, cansado, exaurido, sem forças para continuar, um tempo cardíaco.

Esta quinta edição de nossa Kapiiuara marca o ponto final de nossa gestão da Arlec. Não é o fim, entretanto. O grupo que se formou para lutar nos últimos anos pela sobrevivência saudável desta Academia amalgamou-

-se de tal forma que continuará a trabalhar em conjunto, o que não marcará, de forma alguma o fim de suas atividades.

Sabe-se que as pessoas que realmente trabalham o fazem independentemente de cargo. Ter uma responsabilidade de cargo, contudo, exige não maior dedicação mas, ao contrário, muito maior capacidade de descentralização de poder. Há que se delegar, há que se desprender, há que se ser sutil para que o grupo cresça. E o crescimento traz à tona, inevitavelmente, pontos de vista que podem se estranhar. Normal, não é? Nada

que uma atitude mais sensata e/ou um coração mais generoso não consiga superar.

Estive cercada de pessoas de diferentes naturezas durante os três anos desta gestão. Aprendi muito, tenham certeza! Muito mais do que o pouco que eu possa ter oferecido. Algumas explosões, alguns atritos, alguns afastamentos, algumas doenças e algumas mortes abalaram nossas estruturas pessoais e grupais. A imortalidade de cada Acadêmico foi testada justamente neste último quesito: nós descobrimos, com a dor da morte, que cada amigo partido deixou-nos partido também de dor; que, com este aprendizado, fortaleceu-se em nós a certeza de que o fio da cultura que nos une é muito resistente e este sim, imortal.

Não pranteio nenhum que me antecedeu na viagem para a Pátria Espiritual. Com tranquilidade acredito que tenham feito boa viagem e continuam a trabalhar no que gostam e no que

creem. Logo teremos mais eu, mais um, mais outro. E virão substitutos melhores que nós mesmos porque melhor preparados, mais vigorosos, troncos mais eretos.

Ponto final não significa pois encerramento; significa estancar seu pé e erigir, dali, desse ponto que aparenta estar parado, um crescimento vertiginoso para o alto. Saibamos, pois parar para podermos crescer para o alto enquanto outros avançam no tempo da vida de nossos olhos materiais.

Por essas e outras, pelo que creio e professo, desejo à Diretoria que ora é imposta, nossos votos de de feliz gestão. Conte conosco

sem ponto final

Rosalie Gallo y Sanches
Cadeira 29

